

GORZ, André.

*O imaterial:
conhecimento,
valor e capital*

O valor do conhecimento

Ricardo Sapia

O capitalismo moderno substitui cada vez mais o capital fixo material pelo capital imaterial, ou capital humano. O trabalho mensurável e objetivo dos tempos de Adam Smith, ou mesmo o trabalho abstrato simples, é substituído pelo trabalho complexo. Neste sentido, as unidades de medidas clássicas já não são suficientes para entender a nova qualidade do trabalho, e assim a “desmedida do mundo”. O conhecimento (*knowledge*) é considerado a principal força produtiva, sendo que a nova economia é a economia do imaterial. A partir destes pontos é que Gorz discorre neste seu último livro.

Desde então, existe uma inversão com relação à sociedade dita industrial. Processo de produção não pode mais ser confundido com processo de trabalho, uma vez que não existe mais um local e nem mesmo um tempo de produção. O trabalho difundiu-se na sociedade fazendo com que produção e consumo sejam uma mesma coisa. Tempo de trabalho se confunde com tempo de vida, e o local da produção em pontos cristalizados, porém difundidos na sociedade.

Do ponto de vista da qualificação para o trabalho, a inversão é nítida. Enquanto nas sociedades ditas industriais o trabalhador apenas era produtivo quando completamente expropriado do saber e de qualquer capacidade criativa, agora ocorre o inverso. O trabalhador só é produtivo quando capaz de mobilizar todas as suas capacidades, quer estéticas, sentimentais e cognitivas (eminentemente humanas), numa relação aberta de troca cooperativa (interativa).

Existe uma clara distinção feita por Gorz entre *saber* e *conhecimento*, e que se constitui num dos pontos mais interessantes do livro. O conhecimento não é passível de codificação uma vez que é constituinte, nunca acabado. Neste sentido é criação coletiva que exige sempre mais capacidade cooperativa para sua construção. Vê-se então como esta nova qualidade do trabalho – produção imaterial – foi possível à partir da difusão das redes. Diferente do saber que pode ser codificado, constituído e, portanto, reproduzido.

Vale notar porém, que também (e principalmente, mas não apenas) o saber codificado, é colocado à disposição no fluxo das redes. Neste sentido quebra com o corporativismo das instâncias que sempre buscaram privatizar este tipo de saber. Um exemplo que nos ocorre são os cursos, hoje, disponibilizados via internet. Não é por acaso que muitos acadêmicos têm se mobilizado contra estes cursos, pois de fato, nestes

São Paulo:
Annablume,
2005.

casos do saber codificado as máquinas inteligentes se mostram mais eficientes que a capacidade humana na codificação, memorização e reprodução deste tipo de saber. Em outras palavras, estaria Gorz nos dizendo, que é preciso aproveitar este saber codificado sem contudo acreditar que ele possa substituir a capacidade criativa do conhecimento. As “máquinas inteligentes” substituem de fato um tipo de saber que foi historicamente separado da capacidade criativa e inventiva da inteligência humana.

O conhecimento se dá com a capacidade criativa e inventiva, operante na cooperação (interação) ininterrupta. Desta maneira, a produção do conhecimento é um fazer-se constante que não é capturado. O melhor exemplo é dado pelo próprio autor utilizando o caso da linguagem: Regras gramaticais podem, com muita eficiência e precisão, ser transmitidas via internet. Estas estariam no campo do saber codificado. Ocorre, que conhecer regras gramaticais não significa saber falar uma língua. Para tanto é preciso capacidade de comunicação, que só se opera com a cooperação, ou seja, fazendo uso da linguagem. Neste sentido fica claro que existe um potencial eminentemente humano que não é passível de substituição pela máquina. Aliás, sobre este ponto, Gorz discorre bastante livremente já no final do livro. Em princípio caberia a pergunta: o que é este novo humano? Não é um homem que desaparece dando espaço a uma nova criatura (a criatura que busca destruir o próprio criador); mas também não se trata de uma humanidade que prescindir da máquina, como se todo desenvolvimento técnico e científico não passasse de um apêndice do humano. A máquina, neste sentido, é um prolongamento do corpo. Assim recupera o conceito de *cyborg*, já colocado e bastante discutido por autores como Antonio Negri e Michel Hardt: *Empire*, Harvard University Press, Cambridge, Mass, (2000), Y. Moulier-Boutang: *La troisième transition du capitalisme*, in ch. Azaïs, A. Corsani e P. Dieuaide (a cura di) *Vers un capitalisme cognitif*, L' Harmattan, Paris, (2000); Enzo Rulani: *Production de Connaissance et valeur dans le postfordisme*, entrevista con A. Corsani, in “Multitudes”, n. 2, maggio, 2000. Christian Marazzi, *Il Posto de Calzini. La Svolta Linguistica dell' economia e i suoi effetti sulla Politica*, Bollati Boringhieri, Torino, (1999); Maurizio Lazzarato: *Le concept de travail immatériel: la grande industrie*, in “Futur antérieur”, n. 10, (1992.), dentre muitos outros. Aliás, recupera toda a literatura já bastante explorada por estes autores, e neste sentido parece que fecha um ciclo de seu pensamento que entendemos que se inicia com sua famosa obra, que já nasceu clássica: *Adeus ao Proletariado* (1980).

O novo capitalismo de que fala Gorz é centrado na valorização crescente do capital de tipo imaterial, ou capital humano, e não mais na valorização de capital fixo material. É neste sentido que fala em “capitalismo cognitivo”, ou então “sociedade do conhecimento”. O capital de uma

empresa, não é mais o que ela possui materialmente, este apenas compõe uma parte menor do montante de capital. “Quanto vale a Microsoft?” (p. 39). O *quantum* especulativo do valor de sua patente. Sendo que a patente de uma marca encerra padrões de beleza e durabilidade, por exemplo. Aspectos também materiais, mas sem correspondência exata entre produção material e capacidade imaginativa. Ou seja, mais do que nunca, os produtos passam a ser dotados de um grande valor simbólico. A marca, mais que reproduzir a empresa, é a empresa, e é neste terreno que o valor se cria.

Como resposta a este novo capitalismo, as ações possíveis, não podem, evidentemente, se limitarem as velhas bandeiras dos partidos e movimentos sociais. Neste ponto parece importante estar bem atento, pois muitos tendem (ou até tendenciosamente concluem) a entender e difundir a idéia de substituição de um mundo material por um mundo imaterial. Ou, em outras palavras, alguns ecos de críticas difundidas não sem propósito sustentam equivocadamente, que autores como Gorz, perdem a referência de base material, o que não é verdade. Mesmo por que nesta nova realidade da “economia do conhecimento” os esforços gratuitos para distribuição de valor são maiores que aqueles destinados a sua criação. Assim, existe não apenas um ponto de desencaixe, mas também de economia de trabalho remunerado, diminuindo o valor de troca. Daí, o “fora de controle”. A circulação de valor e conhecimento ocorre, sem que contudo haja correspondência material nesta relação. Nenhum produto mais é capaz de encerrar a totalidade de uma capacidade produtiva. Sendo assim, a luta é de fato contra o monopólio e a privatização. Mas é muito mais que contra o monopólio e a privatização da saúde e educação por exemplo, que são bandeiras históricas das esquerdas. A luta é também contra a privatização de idéias (do que foi criado coletivamente) e contra a invasão do espaço e do poder de manipulação. Contra as burocracias corporativas, acostumadas em tirar proveitos privados de construções originalmente públicas.

Gorz dedica a última parte do livro falando sobre o futuro da ciência e da vida. Aliás, colocado desta forma, já seria um equívoco, uma vez que claramente vê a grande abertura de possibilidade de recomposição entre estes dois pólos. Pois, a economia do conhecimento contém a negação da economia capitalista e do mercado. Apesar do mercado captar este potencial imaterial, não pode fazê-lo de maneira absoluta.

A inteligência na qual se funda esta nova sociedade, e sobre a qual falamos acima, é um fator eminentemente humano, que não pode se constituir e ser reproduzido. A produção e reprodução desta inteligência é uma criação coletiva que necessita portanto do fator relacional (interativo). A inteligência, por sua vez, não é um programa escrito em *software*. Este pode, e de fato o faz, facilitar a produção da inteligência,

que por sua vez carece do que o próprio Gorz chama de “órgão vivente” (p.91), como fator humano insubstituível.

Gorz termina o livro abrindo um amplo leque de possibilidades para a recomposição entre a ciência e o mundo vivido, digamos assim. Aponta, que esta separação ocorreu (e daí separação entre conhecimento e saber) pelo crescente processo de matematização da natureza. A separação útil e necessária à racionalidade capitalista, e a ética da resignação pelo trabalho alienado. Retoma, então, a discussão acerca da racionalidade com base no cálculo matemático, lembrando que o entendimento reinante no capitalismo (e isso foi necessário ao seu sucesso) era de que as funcionalidades humanas poderiam ser potencializadas e maximizadas, em detrimento do que é eminentemente humano, como o senso estético, os sentimentos em geral, a intuição etc. Ou seja, para o capitalismo e para a racionalidade científica matematizada do século XIX e XX, era necessário evitar o imprevisto e verter a natureza de forma a produzir a sociedade de maneira absolutamente manipulável. Neste sentido, natureza e sociedade chegaram a ser contrapostas, ou em outras palavras, para se ter sociedade seria preciso anular a natureza. Por mais que cite Weber muito rapidamente em rodapé (p. 84), identifico o antigo espírito da ciência, com o “espírito do capitalismo” em termos weberianos. Ou seja, “botar o mundo em ordem” foi o projeto falido da velha ciência do século XX. Também, neste ponto vale lembrar exatamente a última frase do livro *Império* de Negri, em que este autor, interessadamente, cita a vida de Francisco de Assis como exemplo modelo, de militância que se opõe (no caso ainda nascente) a mortificante racionalidade ética do capitalismo. Nada mais a dizer senão “contra os corpos mecanizados”.

Mas a crise do capitalismo de base material comporta este elemento de crise também da racionalidade matemática do previsto, do delimitado. É crise da possibilidade da fabricação precisa e objetiva em sentido amplo. Isso quer dizer que se a sonhada “sociedade de engenheiros” falhou, não o fez por que a natureza é vencedora em oposição à sociedade. Mas, acima de tudo, por que a sociedade é simbiótica e comporta elementos da natureza que não são anulados conforme pretendiam algumas correntes científicas do século XX. Dai o *Cyborg*, aquele que tem o corpo prolongado pela máquina, como um carro por exemplo, sem o qual não podemos mais viver. O homem se forma com a máquina, não sendo esta um mero instrumento apartado do homem. Fica agora mais fácil entender o que acontece com o chamado “mundo do trabalho”. Todos aqueles postos de trabalho criados com base nesta realidade instrumental entram em crise, uma vez que passa a existir máquinas mais eficientes que a capacidade instrumental “humana”. Por outro lado, são valorizados cada vez mais aqueles trabalhos que não podem ser potencializados e reproduzidos de forma mecânica e racional. Ou seja, a “nova economia” passa a valorizar,

cada vez mais, aqueles tipos de trabalho que a máquina não pode realizar, sendo que quem pode fazê-lo é única e tão-somente a capacidade criativa e cooperativa humana. Este é o núcleo do pensamento do autor que abre um amplo leque de possibilidades “dentro” do que se entende por “nova economia”.

A crise da economia capitalista de base material ocorre, uma vez que passa a existir a saturação da produção de base material e reprodutiva. Cada vez mais, a “*new economy*” necessita de elementos imateriais, ou seja, verdadeiramente humanos, criados e reproduzidos com base interativa. Sendo assim, conforme já dissemos, esta potencialidade é captada pela economia capitalista, mas não pode ser de maneira absoluta. Existe algo de humano que não pode ser criado e reproduzido em laboratório, não pode ser programado, a inteligência: a potência subjetiva dos sentimentos, a capacidade criativa e imaginativa de programar-se e se reprogramar. A inteligência é fator de temporalidade e experiência. Portanto, a nova ciência apontada por Gorz não comporta dualismos que separem corpo e espírito, ela necessariamente compreende estas duas vertentes dentro de um único fator.

RICARDO SAPIA é sociólogo, doutorando pelo Programa de Sociologia da UNESP de Araraquara, São Paulo.